

A mulher e seu quintal, caminhadas por um universo mágico-místico-transformacional¹

Lanna Beatriz Lima Peixoto (UFPA/Pará)

Resumo:

Este trabalho apresenta reflexões preliminares acerca do entrelaçamento de temas como gênero e paisagem a partir da experiência etnográfica no quintal de uma mulher que, segundo sua comunidade de pertença, “vira bicho”. O que está ligada à categoria nativa de populações amazônicas, “engerar”, referente a um processo mágico de metamorfose. O encontro com esta mulher se deu na Comunidade Quilombola de Mangueiras, na ilha do Marajó, estado do Pará. Durante uma pesquisa sobre as relações estabelecidas entre mulheres e plantas nos quintais quilombolas. Nestes espaços são estabelecidos vínculos complexos entre os elementos que os compõem. É o lugar da morada em que o humano estabelece laços com os não humanos e com o si-mesmo em movimento dialético, onde se põe em perspectiva e é perspectivado. Os limites se definem e se borram em constante (re)criação. É onde se produzem cotidianamente os sentidos do ser e estar no lugar à medida em que há uma coabitação entre os elementos humanos e não humanos, que, por sua vez, institui um movimento criativo, uma ético-estética de atuação e interação com ele.

Palavras-chave: Mulher; Quintal; Bicho.

¹ “Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.



Este artigo apresenta reflexões preliminares sobre questões acerca da capacidade transformacional de humanos em outros animais e vice-versa a partir de dados etnográficos oriundos de minha pesquisa de doutorado sobre a relação de mulheres e plantas em quintais cultivados na comunidade quilombola de Mangueiras, localizada no município de Salvaterra, Arquipélago do Marajó/PA². Neste trabalho percorro os quintais de cinco mulheres e suas narrativas sobre o lugar, com o intuito de compreender as formas de se relacionar com as plantas e outros animais a partir de uma co-habitação desse espaço, suas motivações e perspectivas de habitação.

Para acessá-los escolhi as caminhadas com as mulheres por seus quintais como método. Nos guiaram narrativas que o apresentavam como lugar habitado, imaginado e imaginante. Quando contavam sobre eles, falavam também sobre elas mesmas e em uma co-habitação. Pude presenciar a vida acontecendo no ciclo das espécies vegetais e animais, e das próprias mulheres. As mulheres que conheci durante essa pesquisa, brotavam também enquanto narravam. Elas fornecem aos de bons ouvidos palavras do seu mundo, de suas histórias, imersas em um cotidiano de dias quentes e noites visagentas.

² Segundo os moradores do local, Mangueiras seria a mais antiga comunidade quilombola da região, com mais de duzentos anos. Onde encontramos ancestrais diretos dos antigos escravos da região, de negros e índios. No Marajó existem pelo menos 19 comunidades quilombolas. Entre elas, 15 estão localizadas em Salvaterra. De acordo com Rosa Acevedo Marin (2009, p.220), este é o município que abriga o território quilombola mais densamente povoado na ilha.

Durante este trabalho foram constantes as referências as capacidades transformacionais de humanos em não humanos e de não humanos em humanos, como é o caso das plantas que são capazes de se transformar em humanos, para fins de proteção da morada, porque podem se enamorar de seus donos, entre outras motivações. Outra faceta deste universo transformacional é dos humanos que se transformam em outros animais, os chamados “bichos”, como é o caso do foco deste artigo. Aqui o quintal apresenta um duplo papel, falar sobre ele e sobre os elementos que o compõem, plantas, humanos e outros animais, faz emergir memórias sobre sua imbricação. Assim como também aparece como palco dessas memórias, um lugar propício ao desenrolar de narrativas sobre seres míticos e fantásticos.

Nesse artigo tratarei especificamente do caso de uma das senhoras participantes dessa pesquisa, em torno da qual gira uma atmosfera de mistério, segredo e medo alimentada por narrativas que falam muito sobre as relações entre humanos e não-humanos no interior da Amazônia e das formas de praticar os espaços na constituição da morada por populações negras constituintes dos quilombos na região.

Essa senhora foi a primeira mulher que conheci na comunidade³, ainda da primeira vez que a visitei, em 2013⁴. Desde o primeiro contato ela já advertia: “eu venho de cinco gerações de escravos”. Assim sempre inicia a narrativa sobre a história da comunidade. Ela, seus antepassados e seus descendentes, como me disse: “nós somos daqui mesmo, sempre fomos daqui”. Hoje, ela mora com dois filhos e uma nora em uma das primeiras casas de alvenaria do seu lugar. É viúva, seu marido faleceu há seis anos, depois de ter lhe dado três beijos na face, outra das narrativas que são recorrentes em nossas conversas. Relatos que indicam núcleos organizadores em torno dos quais se movimentam as imagens a que recorre para dar sentido aos seus dias. Sua família é importante no processo político das lutas quilombolas na região, ela é importante referência e conselheira sobre os assuntos históricos e políticos. Seus filhos lhe são obedientes e a tem como referência central para qualquer tomada de decisão.

Quando a reencontrei em 2015⁵, ela se lembrava perfeitamente de quando estive lá da primeira vez e das pessoas que estiveram lá comigo, me perguntou o que ia fazer ali daquela vez. Disse a ela que voltara a fim de desenvolver uma pesquisa sobre mulheres e

³ Opto por não informar o nome da figura central desse trabalho e por chama-la de senhora.

⁴ A primeira vez que estive em Mangueiras foi acompanhando uma atividade de Capoeira Angola.

⁵ Em 2015 retornei à comunidade com o objetivo de desenvolver meu trabalho de doutorado pelo programa de Sociologia e Antropologia na Universidade Federal do Pará.

quintais cultivados na comunidade, ela me disse que não sabia se podia ajudar porque tinha um grande quintal, mas não tinha mais tantas plantas, só as que o gado que vive solto, esqueceu ou não conseguiu comer. Em um dos dias que seguiram ela resolveu me mostrar seu quintal. Fui seguindo seus passos pelo lado da casa, na medida que adentrávamos o quintal, ia esquecendo onde estávamos, ao mesmo tempo tinha cada vez mais plena consciência de que só poderia estar ali, com ela. Começou a me contar sobre o quintal, de momentos nele vividos, sobre as plantas que tinha e para que serviam, suas histórias, me mostrou para que eu fotografasse, tirava folhas e frutos para que eu cheirasse e provasse.

O quintal dela é como uma outra dimensão dentro da comunidade. Puxei uma linha, um novelo foi se desembaraçando. Surgiram não somente plantas, como também uma infinidade de histórias sobre o lugar. A cada hora se lembrava de uma receita diferente de uma planta diferente escondida em algum canto. Se não soubesse que estava ali no centro da comunidade, poderia pensar que estava caminhando por uma mata densa e fechada. São caminhos e trilhas que a senhora conhece como as linhas da própria mão, como uma ilha de floresta.

O Marajó, é um arquipélago composto por diversas ilhas: porções de terra entrecortadas por cursos de água, mas não somente. É composto por esses quintais porções de floresta delimitadas no entorno das casas, sem conexão aparente entre si: “ilhas de floresta”. Este termo foi usado pelo biólogo e antropólogo Darrel Posey (2002, p.06) para denominar um antigo sistema de agricultura Kayapó em áreas localizadas ao longo das trilhas que percorriam, montes de vegetação para abastecê-los de alimentos, desenhando a paisagem do cerrado. Em imagens de satélite da comunidade de Mangueiras, podemos ver a concentração da vegetação dos quintais em pontos dispostos ao longo de seus campos, também como ilhas.

O termo é utilizado hoje pela ecologia para designar quintais agroflorestais indígenas, como chamam os quintais com plantio (PINHO, 2008, p.18). Estes quintais são caracterizados por estes estudos por sua diversidade e importância em culturas de subsistência, como fonte de recursos alimentícios, medicinais e outros. Ao adentrar o quintal dessa senhora, seguindo seus passos, percebi que, como as ilhas rodeadas por água – os quintais também são rodeados por águas nos períodos de inverno, já que os campos ficam cheios -, eles se apresentam como “mundo em miniatura” como afirma Antônio Carlos Diegues, um microcosmo permeado de segredos, “símbolo polissêmico, com

vários conteúdos e significados” (DIEGUES, 1998, p. 01). Os limites aparentes são geográficos, que separam um quintal do outro, se conectam por meio de linhas⁶, que constituem tramas de um tecido social.

O quintal da senhora compreende a área localizada aos lados e atrás da casa, é um terreno amplo com muitas plantas e árvores altas, o que proporciona muita sombra, as construções, como em todos os quintais na comunidade, são escassas, tem um depósito onde ficam guardados vários utensílios de várias espécies, desde panelas a ferramentas, como pá, enxada e facão. Há também uma mesa cheia de pequenas plantas utilizada por ela para cuidar das mudas que ainda estão vingando. Em um dos cantos do quintal há também um galinheiro e ao lado da casa uma barraca, onde seus filhos, marceneiros, trabalham. Os cuidados diários com o quintal ficam principalmente sob o encargo da senhora, desde a administração às tarefas diárias de limpeza, manutenção e cultivo. Seus filhos são responsáveis somente pelo barracão de marcenaria e realizam tarefas de manutenção e cuidado com as galinhas, orientados pela mãe.

Da primeira vez que estive lá, fui orientada a não tomar até o final nada do que ela poderia me oferecer para comer ou beber, levei como uma brincadeira e acabei não perguntando porque deveria tomar este cuidado. Dias depois, frente a recusa de algumas crianças de nos acompanhar até a casa da senhora, perguntei qual era a motivação de tanto medo, a primeira narrativa em torno dela me foi revelada, “ela vira bicho”, me disseram. Questionei como sabiam, elas disseram que seu filho havia contado em segredo a um amigo.

Ela tem um mercado em sua casa, vende alguns produtos como farinha, refrigerante, balas e biscoitos. Ela vende também frutas e plantas de seu quintal, impede que as crianças entrem para pegá-las quando estão maduras. Isso faz com que muitos lhe tenham como má e avarenta, principalmente as crianças. Com o passar do tempo na comunidade, muitas histórias sobre ela chegaram até mim até que um dia, conversando com uma de suas vizinhas, me vi novamente frente aquela informação. Conversando sobre as plantas que pude conhecer no seu quintal fui alertada: “aquilo ali não é coisa boa, diz que até vira bicho naquele quintal”. Dessa vez fui mais a fundo nos questionamentos sobre o que havia acabado de ouvir.

⁶ Tim Ingold no artigo “Trazendo as coisas de volta à vida” (2012, p. 39) constrói a noção de malha – aqui remeto a noção da trama e do tecido – em oposição à noção de rede. Para este autor malha é um emaranhado de trajetórias que não cessam de se estender na constituição da textura do mundo. Na malha não há pontos acabados e interconectados com limites interiores e exteriores, há linhas entrelaçadas.

Virar bicho é a capacidade transformacional possuída por algumas pessoas. Algumas vezes a carregam de nascença, o que é chamado de “fado”, uma espécie de sina a que a pessoa está fadada ao longo da vida, muitas vezes repassado de geração para geração. As pessoas que não carregam esta capacidade de nascença a adquiriram por vontade própria pelo estudo de um livro chamado livro de São Cipriano, cuja primeira metade contém orações para o bem e a outra orações para o mal, como seria o caso da transformação de pessoas em animais. Para a maioria, a senhora vira bicho para manter o controle sobre sua casa e sua família, mas não necessariamente por maldade. “Minha tia faz essas coisas, mas ela não é de maldade não, é só assim por causa dos filhos dela né, ela é muito apegada com eles”, disse uma de suas sobrinhas.

De acordo com as narrativas a senhora se transforma em seu quintal em outro animal, como porco ou gato, e ronda sua casa durante a noite. Em uma das histórias, ela teria esperado um de seus filhos chegar de uma festa durante a madrugada e quando lhe avistou, saiu correndo em direção a ele em forma de gato e lhe abraçou pelo pescoço. Somente para uma de suas vizinhas sua motivação seria fazer o mal para outras pessoas. Para essa vizinha, há uma maldade intrínseca que toma conta de algumas pessoas que as motiva a fazer o mal ao próximo. Entre as maldades citadas atribuídas a ela estão os maus-tratos ao marido doente, os relacionamentos amorosos desfeitos de seus filhos e são recorrentes também os casos de avareza, em que ela se nega a doar frutas ou plantas a quem lhe pede.

O quintal dessa senhora é um dos mais antigos da comunidade, todas as plantas ali existentes nasceram de seu trabalho e cuidado. Houve um tempo em que poucas pessoas cultivavam quintais no local, sem água encanada, com os rigorosos verões que secavam a vegetação, as plantas não resistiam, muitos conseguiam mantê-las ao redor da casa. Mesmo com essa dificuldade seu quintal se tornou referência no cultivo de plantas medicinais e frutíferas na comunidade e ela como referência sobre o conhecimento acerca dos “remédios da terra”, como são chamadas as plantas medicinais, e receitas de seus usos para variados fins. Mesmo hoje, com a água encanada, ela mantém o poço amazonas no quintal para nunca faltar água às plantas. São constantes os relatos dela sobre o trabalho árduo que tem sozinha para mantê-las vivas, esse é o motivo de muitas vezes não doar as plantas, mas vendê-las a quem necessita.

Segundo ela, o cultivo de plantas foi herdado dos pais, quando criança ela morou nas fazendas que trabalhavam. Além do trabalho na fazenda a família tinha cultivo de

várias espécies, desde plantas medicinais à roças de mandioca. A mãe, pela constante ausência do pai, que era vaqueiro, era a principal responsável pelas plantações. Hoje o que lhe motiva no cultivo do quintal, além de sentir prazer no cuidado com as plantas, é a memória das doenças enfrentadas pela família e a ameaça de novas doenças, desde aquelas do corpo àquelas do espírito. Ela acredita que a doença que levou seu marido a morte, bem como uma doença crônica que acomete seu filho mais novo, foram resultados de trabalhos de feitiçaria de um parente. Em seu quintal, não faltam peões-roxo, paus-de-angola e guinés, plantas utilizadas para afastar a inveja, o mau-olhado, o mau-agouro, a feitiçaria e proteger sua casa, sua família.

As mulheres são as responsáveis pela manutenção do quintal em muitas culturas (SIMÃO, 2001; AMARAL E GUARIN NETO, 2008 apud PEREIRA, ALMEIDA, s/a, p.54). Quintais e mulheres cultivam-se mutuamente ao longo do tempo em direção ao cuidar de si e dos seus. O que pressupõe uma funcionalidade historicamente atrelada na literatura das ciências sociais a um reflexo do modelo patriarcal dominante, como também, e sobretudo, à inventividade das táticas (CERTEAU, 2012, p. 89) que mantêm até hoje vivas, pulsantes, essas culturas.

De acordo com Carney, a mulher africana foi fundamental para a manutenção de uma rica herança botânica e agrícola, fruto de diversos sistemas étnicos de conhecimento (CARNEY, 2004, p.29). Ou seja, os conhecimentos de mulheres sobre qualidades ou propriedades das plantas têm fontes diversas e vêm de um convívio imemorial entre povos e plantas (PICARELLI, 2007, p.47). Persistem saberes repassados de geração a geração em torno dos usos destinados às plantas e às receitas para uma infinidade de mazelas, desde àquelas referentes ao corpo e à alma. Muitas delas não são originárias da região, passaram a ser encontradas a partir do processo de deslocamento de negros e índios ocasionado pela colonização. Tais conhecimentos e práticas em torno da cura de indígenas e negros convergiram e, a partir de então, orientam a forma como procedem as populações que residem nesses territórios até hoje.

Estes conhecimentos se concentraram, principalmente, entre as mulheres, talvez por serem tradicionalmente responsáveis pelos cuidados com os filhos e a família de um modo geral, o que é interessante observar tendo em vista que as mulheres que se dedicavam às práticas de cura, magia ou xamanismo sempre foram associadas ao lado negativo dessas práticas, relacionadas a “figuras de personagens malfazejas” (MOTTA-

MAUÉS, 2008, p.333) como feiticeiras e matintas⁷. Como, de certo modo também ocorre no caso tratado nesse artigo.

Quando questionados e questionadas acerca do porquê as mulheres eram as mais interessadas no cultivo de plantas medicinais, percebi que uma resposta foi constante: as mulheres teriam mais tempo para se dedicar aos quintais, o homem, sempre ocupado com a garantia do sustento da família, não teria condições de, ainda, garantir os cuidados com as plantas. A mesma resposta era dada acerca do porquê sempre eram as mulheres associadas às personagens malfazejas, como constatou Maria Angélica Motta-Maués no interior do município de Vigia, nordeste paraense (ibid).

Isso mostra que existem constantes em diferentes realidades no interior da Amazônia, mas também me instiga a pensar se tal fato pode ser visto como uma representação comum as relações de gênero, espelho da construção de dominação e subjugação do gênero feminino pelo masculino. Também me interessa pensar se a construção da diferenciação dos tipos biológicos em níveis sociais é a mesma no interior da região, ou apresenta peculiaridades que nos dizem sobre sua forma de entender esse binômio e se de fato ele se mostra como tal. O que pode nos revelar formas específicas de vivência e compreensão de uma corporeidade, como formas específicas de habitação dos espaços físicos e sociais.

Marcel Mauss, no texto “Esboço de uma teoria geral da magia” (2003), aponta uma predisposição histórica de atribuição de características mágicas às mulheres. Para ele, seria menos os caracteres físicos e mais “sentimentos sociais” que suscitam tais atributos, em decorrência das fases e ciclos por que passam. A apreensão desses períodos confere uma posição social ambígua e movente: liminar. Períodos como puberdade, menopausa e cíclicas menstruais são considerados críticos e, por isso mesmo, mais inclinados à magia. Ao contrário do homem, que teria um estatuto mais fixo, a mulher é tida como um “sujeito transitante” (TURNER, 1974, p. 118 apud MOTTA-MAUÉS, 2008, p.330), permanecendo envolta em um mistério de constituição, um enigma. Para Marcel Mauss:

[...] mesmo fora das épocas críticas, que ocupam tão grande parte de sua existência, as mulheres são o objeto seja de superstições, seja de prescrições jurídicas e religiosas, que marcam claramente que elas formam uma classe no interior da sociedade. Acredita-se serem ainda

⁷ A Matinta ou Matintaperera é uma personagem mítica presente em grande parte da Amazônia que consiste na metamorfose de uma mulher um grande pássaro.

mais diferentes dos homens do que o são; acredita-se serem o foco de ações misteriosas e, por isso mesmo, aparentadas aos poderes mágicos (2003, p. 65).

A mulher transitaria entre certos domínios, abrigando no corpo a liminaridade entre cultura e natureza, imiscuindo em si as polaridades. Tal oposição, para Maria Angélica Motta-Maués acarreta uma inversão no que se refere ao contexto social. Aos homens, por serem dotados de estabilidade, “é permitido circular e atuar, livre e efetivamente, em qualquer domínio, de qualquer área do sistema social, ao passo que à mulher são impostos limites rígidos, restringindo-se drasticamente as oportunidades para o seu desempenho social” (MOTTA-MAUÉS, 2008, p.330). Emerge daí a distribuição dos papéis que oscilam entre público e privado, a casa e a rua, com a conseqüente demarcação de domínios para o masculino e para o feminino (DAMATTA, 1997).

Não pretendo, assim, aproximar-me de biologismos, reafirmando um vínculo inato entre a mulher e a natureza quando na verdade este vínculo se dá principalmente como resultado de uma experiência histórico-cultural. Além de uma empreitada científica esses conhecimentos estão atrelados à uma forma de perceber o mundo o refletir acerca dele, ligada a uma ética-estética, uma perspectiva, um horizonte hermenêutico. Que deve ser compreendido em sua complexidade, já que não diz respeito somente à esfera religiosa. Sigo por isso por reflexões acerca do perspectivismo indígena estudado por Eduardo Viveiros de Castro (1996) e posteriormente por João Valentin Wawzyniak (2003) e Raymundo Heraldo Maués (2012) que trabalharam no sentido de sua expansão para pensar o universo cosmológico de populações não indígenas na Amazônia, inclusive a que está em foco nesta pesquisa. Para Maués o “perspectivismo indígena não é só indígena, mas é partilhado em grande medida pelas populações rurais não indígenas de muitas áreas da Amazônia” (MAUÉS, 2012, p. 55).

João Valentin Wawzyniak, no trabalho “‘Engerar’: uma categoria cosmológica sobre pessoa, saúde e corpo” (2003), analisa a categoria engerar a partir da experiência com ribeirinhos na Floresta Nacional do Tapajós, Estado do Pará. Como em Mangueiras, os ribeirinhos do Tapajós apresentam “um sistema cosmológico que postula a permutabilidade dos seres entre si - homens, animais e demiurgos” (2003, p.35). Pressupõem um universo transformacional no qual um humano assume forma, aparência e comportamento de outros animais e vice-versa, envolvendo o deslocamento de perspectivas e a constituição de paisagens configuradas a partir da transformação, bem

como de trânsito de corpos e subjetividades, respectivamente. Indicando que dimensões cosmológicas “estabelecem uma relação moral entre humanos e não-humanos”. Portanto, esta categoria fornece subsídios à compreensão sobre as formas de apreensão do mundo e de organização da vida social dessas populações (ibid., p.36).

Ao passo que cuidam desse lugar as mulheres se integram a ele a partir de seus atos, fundamentados em três pilares: a memória, o parentesco e o sobrenatural (MACHADO, 2012, p. 21). Por isso, os quintais se apresentam como *locus* agregador interespecífico (SILVEIRA, 2016, p.288), tendo em vista a forma difusa com que os elementos compõem a paisagem. Estes elementos nele contidos estão envolvidos em uma intrincada trama mágico-místico-religiosa que formam o sistema de cura desses povos. O ato de cuidar tem no ato de curar um de seus domínios, as plantas medicinais têm especial destaque nesse contexto, como têm espaço privilegiado no interior dos quintais. Em Mangueiras, como em outras regiões da Amazônia (MACHADO, 2012, p. 135), elas assumem caráter de mediação das relações estabelecidas nesse lugar, seja entre humanos, não-humanos ou sobre-humanos (SILVEIRA, 2016).

Os grupos que habitam um lugar inscrevem-se nos lugares, constituem evidências do processo de formação contínua e intersubjetiva no qual estão inseridos (ibid, p. 66; INGOLD, 2012, p. 31). As mudanças espaciais, as marcas do tempo, contam um pouco da história dos grupos pertencentes àquele lugar e é dessa “capacidade mais ou menos grande dos territórios de exprimir (ser a expressão de) a(s) comunidade(s) que os habita(m) é que faz do espaço físico o espaço vivido” (MAFFESOLI, 1994, p. 65). O território de qualquer parte é constituído por esses “lugares emocionalmente vividos” (ibid.), espaços de habitabilidade (CERTEAU, 2012, p. 173).

Nos quintais de Mangueiras as mulheres estabelecem vínculos com o espaço e deixam nele suas marcas. Estabelecem uma relação complexa com os elementos que os compõem, evidenciando uma cosmovisão em que as noções de natureza, humanidade e cultura são reformuladas, o que garante a alta (bio)diversidade desses espaços. Carmen Osorio Hernández (2013, p. 296) observa o papel fundamental da mulher na manutenção, resgate e aumento de espécies através do consumo de pequenas hortas domésticas e plantas medicinais. Essa autora chama atenção para o fato de que tal diversidade “no es vista como un ‘recurso natural’, y sí como un conjunto de especies que tienen un valor de uso y un valor simbólico, integrado en una compleja cosmología” (ibid).

Considerações Finais

O quintal, como parte da casa, constituiu a essência da noção de morada, ou seja, de acordo com Gaston Bachelard é onde o ser vive “em sua realidade e em sua virtualidade através do pensamento e dos sonhos” (BACHELARD, 2008, p. 25) e da interação material e prática com a concretude do espaço habitado (PEIXOTO, 2014, p.99). A casa é construída enquanto edificação e preenchida de artefatos, vai-se preenchendo também de “referências e memórias, de valores e visões de mundo de quem nela habita” (SILVEIRA, 2016, p. 299). Para Flávio Leonel Abreu da Silveira, assim vão se configurando paisagens, a partir de um “conjunto de signos cosmológicos conexos” (2016, p.296), compõem-se um microcosmos: “eixo-abrigo; esteio-refúgio evocador de uma simbólica relativa à presença do lugar sagrado/de proteção no mundo vivido e praticado pelos coletivos” (ibid).

Para Benedito Nunes os quintais são fronteiras, representam uma dimensão “limítrofe da cultura” (1994, p.263). É o lugar da morada em que o humano estabelece laços com os não humanos e com o si-mesmo em movimento dialético, onde se põe em perspectiva e é perspectivado. Os limites se definem e se borram em perene (re)criação. É onde se produzem cotidianamente os sentidos do ser e estar naquele lugar, entrelaçando as noções de tempo e espaço, identidade e pertencimento. E as ultrapassando à medida que há aí uma co-habitação entre os elementos humanos e não humanos, que, por sua vez, institui um movimento criativo, uma ética-estética de atuação e interação com ele.

Referências Bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- CARNEY, Judith. Navegando contra a corrente: o papel dos escravos e da flora africana na botânica do período colonial. **África** São Paulo, n. 22-23, p. 25-47, 2004.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana**, v. 2, n. 2, p. 115-144, 1996.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: COSAC & NAIFY, 2002.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- DA MATTA, Roberto. **A casa & a rua**. 1997.

- DIEGUES, Antônio Carlos. **Ilhas e Mares**: simbolismo e imaginário. São Paulo: Hucitec, 1998.
- HERNÁNDEZ, Carmen Osorio. Género y Medio Ambiente: Entre el discurso y la práctica. In. TORRES, Georgina Méndez; INTZÍN, Juan López; MARCOS, Sylvia; HERNÁNDEZ, Carmen Osorio (orgs.). **Senti-pensar el género: perspectivas desde los pueblos originários**. Guadalajara, 2013.
- INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, June 2012.
- MACHADO, Juliana Salles. **Lugares de gente**. Mulheres, plantas e redes de troca no delta amazônico. Tese de Doutorado. Museu Nacional/ Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Rio de Janeiro, 2012.
- MAFFESOLI, Michel. O poder dos espaços de celebração. **Revista Tempo Brasileiro**, v. 1 – nº 1, Rio de Janeiro, 1994.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. O perspectivismo indígena é somente indígena? Cosmologia, religião, medicina e populações rurais na Amazônia. **Dossiê – Amazônia: Sociedade e Natureza**. In: Mediações. Londrina, vol. 17, num. 01. 2012.
- MAUSS, Marcel. Esboço de uma teoria geral da magia. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: COSACNAIF, 2003.
- MOTTA-MAUÉS, Maria Angelica; Villacorta, Gisela Macambira. Matintapereras e pajés: gênero, corpo e cura na pajelança amazônica (Itapuá/PA). In: MAUÉS, Raymundo Heraldo; VILLACORTA, Gisela Macambira (orgs.). **Pajelanças e religiões africanas na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2008.
- NUNES, Benedito. Casa, praça, jardim e quintal. **Ciência & Trópico**, v. 22, n. 2, 2011.
- PEIXOTO, Lanna Beatriz Lima. **Cidade nas águas** - um estudo sobre o imaginário em Salvaterra-PA. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia. Bragança, 2014.
- PEREIRA, Bruno Magnum; ALMEIDA, Maria Geralda. O quintal Kalunga como lugar e espaço de saberes. **Revista GeoNordeste**, n. 2, 2011.
- PICARELLI, Adriano. **Jardins de mistura: imagens e memórias**. Campinas, 2007.
- PINHO, Rachel Camargo de. **Quintais agroflorestais indígenas em área de savana na Terra Indígena Araçá, Roraima**. Dissertação de Mestrado-Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia/Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Amazonas, 2008.

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da. As paisagens coexistenciais interespecíficas, ou sobre humanos e não-humanos compartilhando espaços domésticos numa cidade amazônica. **ILUMINURAS**, v. 17, n. 42. 2016.

WAWZYNIAK, João Valentin. "Engerar": uma categoria cosmológica sobre pessoa, saúde e corpo. **ILHA**. Florianópolis, v.5, n.2, dezembro 2003.